

# Esquerda quer humanizar a dura vida em Brasília

Bilau Pereira

Transformar cada cidade-satélite em um plano-piloto, criar grandes escolas em Brasília, onde se aprenda, desde a ler e escrever, até a trabalhar a terra e adquirir uma profissão, fazer funcionar os mecanismos já existentes, para humanizar as condições básicas de vida da população. Estas são algumas das propostas que três candidatos da esquerda defendem para a cidade nas próximas eleições.

João Leal Neto (Senado/PS), Carlos Alberto Torres (Senado/PCB) e Beto Almeida (Câmara/PSB) têm planos específicos para Brasília, defendem a socialização do país, mas divergem quanto aos caminhos, aos primeiros passos rumo ao socialismo e até sobre o sistema que deve ser implantado no Brasil pela nova Constituição.

Para João Leal Neto, o presidencialismo é o melhor sistema para o País, desde que se evitem os decretos-leis e que se tenha uma Câmara e um Senado realmente atuantes. Ele defende um texto constitucional enxuto e flexível e diz que os primeiros passos para as mudanças é lutar por situações reais. «Temos que procurar influir no que é viável, fazendo funcionar o que já existe, sem propostas fantasiosas».

Em Brasília, Leal Neto pretende lutar para que as administrações regionais sejam ocupadas por pessoas realmente vinculadas às cidades-satélites. «O PS tem como proposta dar apoio a esses líderes regionais, eles é que sabem do que necessitam seus municípios. «Defende a reforma agrária das terras improdutivas, com orientação agrícola, por região, e apoio de linhas de crédito. Para as cidades-satélites, aponta a necessidade de um planejamento rigoroso para que possam ter vida própria, «dando condições do indivíduo permanecer em seu lugar».

Já Carlos Alberto Torres, do PCB, defende a parlamentarismo como única forma de estabilizar o Governo. «O país vive o drama de ter que promover as mudanças que propiciem acabar com a pobreza e a miséria e, ao mesmo tempo, manter a estabilidade para que a democracia seja garantida e os governos dispostos a promover mudanças não sejam derrubados». Ele acha que o novo texto constitucional não deve se limitar à mera enunciação formal do direito do cidadão, mas deve garantir, efetivamente, esse direito.

Em Brasília, vê como necessidade mais urgente a transformação das satélites em centros de desenvolvimento e formação dos que lá vivem e trabalham. Para isso defende que os representantes locais das cidades tenham poderes legislativos: «Isto é indis-

pensável para que se processem a participação da comunidade na solução de problemas que permitirão a melhoria das condições de vida».

Para Beto Almeida, do PSB, os problemas do Brasil não podem ser resolvidos dentro do capitalismo. «Nossos problemas são de atraso econômico e cultural, criados pela dependência do capitalismo internacional. Nunca vai sobrar capital ou interesse por parte daqueles, para fazer as mudanças necessárias ao desenvolvimento do nosso país».

Mesmo não acreditando numa saída dentro do capitalismo, Beto propõe medidas de emergência para minimizar a gravidade de nosso quadro social. A reforma agrária, a estatização do sistema financeiro e a prioridade para a indústria leve, de bens de consumo essenciais, são algumas de suas propostas.

Em Brasília, o projeto mais urgente que propõe é a criação de escolas, onde se ensine, além das letras, o trabalho na terra, o esporte, e uma profissão. Nessas escolas, afora os professores, ele sugere que se absorva a força de trabalho da própria comunidade, como carpinteiros, mães crecheiras etc. «70% da população de Brasília é de jovens. É preciso fazer alguma coisa urgente por essa juventude, na sua maioria carente».

Roosevelt Pinheiro



Carlos Alberto defende socialização